



**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Bruno Miguel Ribeiro Xavier

*E se eu (não) contar quem sou?*  
**Estudo exploratório em jovens  
homossexuais masculinos sobre as  
perceções das (im)possibilidades da  
revelação da orientação sexual ao pai:  
implicações para a construção de  
identidades sexuais não-normativas**

Junho 2013



**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Bruno Miguel Ribeiro Xavier

*E se eu (não) contar quem sou?*  
**Estudo exploratório em jovens  
homossexuais masculinos sobre as  
perceções das (im)possibilidades da  
revelação da orientação sexual ao pai:  
implicações para a construção de  
identidades sexuais não-normativas**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Psicologia  
Área de Especialização em Psicologia Clínica

Trabalho realizado sob a orientação do  
**Prof. Doutor Nuno Santos Carneiro**

Junho 2013

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Índice

Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Abstract .....	VI
Introdução.....	VII
<i>Os diferentes posicionamentos na interpretação das sexualidades e a emergência da psicologia afirmativa.....</i>	8
<i>O processo de coming out – modelos de desenvolvimento psicológico.....</i>	9
<i>A família no Revelar-se .....</i>	12
<i>O papel do pai na construção da identidade gay.....</i>	13
Estudo Empírico.....	14
1. Enquadramento .....	14
1.1. Objetivos do Estudo .....	14
1.2. Questões de Investigação .....	15
2. Metodologia.....	16
2.1. Instrumentos .....	16
2.2. Procedimento.....	17
2.3. Análise dos dados.....	17
2.4. Participantes .....	18
2.4.1. Caracterização biográfica .....	18
2.4.2. Herança religiosa .....	18
2.4.3. Experiência associativa.....	19
3. Resultados e Discussão .....	20
3.1. <i>Temas indutivamente emergentes.....</i>	20
3.1.1. <i>Recorrer ao psicólogo .....</i>	20
3.1.2. <i>Outras pessoas como mediadoras do processo de coming out .....</i>	20

3.2. <i>Temas Dedutivamente Emergentes</i> .....	21
3.2.1. <i>A rede de apoio extrafamiliar e o coming out à família</i> .....	21
3.2.1.1. <i>“O nosso pequeno segredo” – não revelação aos outros</i> .....	21
3.2.1.2. <i>Momento certo para contar – independência/autonomia</i> .....	22
3.2.1.3. <i>O papel dos/as amigos/as</i> .....	22
3.2.2. <i>As dinâmicas familiares e o coming out com a família</i> .....	23
3.2.2.1. <i>Pai como figura “surpreendente”</i> .....	23
3.2.2.2. <i>Relação após coming out – proximidade ou distanciamento</i> .....	23
3.2.3. <i>A rejeição na construção da identidade</i> .....	24
Conclusões .....	25
Bibliografia.....	27

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Doutor Nuno Santos Carneiro, cuja orientação, imensa paciência, disponibilidade, conhecimentos e apoio transmitidos durante todo o percurso foram fundamentais para ultrapassar as dificuldades e concretizar esta dissertação.

À Prof. Conceição Nogueira pelo auxílio e por ter despertado primeiro esta vontade de estudo e investimento comunitário.

À rede ex-aequo, em particular ao grupo de Lisboa e Porto, pelo acolhimento e divulgação da palavra imprescindível no recrutamento.

Aos vários entrevistados pelo seu contributo através da partilha fulcral das suas vivências, receios e esperanças.

À Liliana Rodrigues pela simpatia e auxílio no recrutamento.

Aos meus pais pelo acompanhamento e afeto incondicionais, por terem permitido alcançar o que alcancei. À minha família que nas pequenas coisas me ajudou na jornada.

Às duas Andreias (Neia e Nita) por tudo: pela parceria, pela diversão (sobretudo por esta sempre que é possível), por complementarem grande parte da minha vida e por, nas suas diferenças, tornarem este meu percurso universitário muito mais interessante. Desta vez um especial agradecimento à Neia por me ajudar com a logística e a recuperação da “simetria”.

À Sofia e ao Nelson pelos jantares, pelo convívio, disposição e esclarecimentos.

À Maria por me ajudar a terminar a “quadratura do círculo” imposta.

À Diana - uma mana à maneira - pela animação, confiança, correspondência sempre que lhe peço e acompanhar parte destas aventuras.

À minha outra família, por ter ganho o significado que tem hoje, por ajudar-me a restabelecer o equilíbrio tantas vezes, por permitir este investimento e tornar tudo muito mais simples.

*E se eu (não) contar quem sou?*

**Estudo exploratório em jovens homossexuais masculinos sobre as percepções das (im)possibilidades da revelação da orientação sexual ao pai: implicações para a construção de identidades sexuais não-normativas**

**Resumo**

Este estudo explora as diferentes percepções de jovens homossexuais masculinos sobre a (im)possibilidade de revelar a orientação sexual ao pai, bem como as implicações que a (im)possível negociação tem na construção das suas identidades sexuais. Para isso utilizaram-se 8 entrevistas semi-estruturadas biográficas em profundidade, sendo os dados depois analisados pelo método de análise temática, segundo o paradigma construcionista social.

A partir dos discursos, descreveram-se dois eixos de análise e temas. No primeiro, descreveu-se a importância das figuras externas como mediadoras no *coming out*: No segundo, descreveu-se a importância da independência para fazer o *coming out*, da reação positiva do pai, da relação de proximidade com as figuras familiares antes/durante/após o processo de *coming out* e da percepção de rejeição na revelação para a construção identitária. Em conclusão, surgem algumas recomendações para a prática em psicologia clínica e para investigações futuras.

**Palavras-chave:** pai, jovens, *coming out*, sexualidades, identidades

*And if I (do not) tell who I am?*

**Exploratory study on male homosexual youngsters about the perceptions of the (im)possibilities of the disclosure of their sexual orientation to the father: implications for the making of non-normative sexual identities**

**Abstract**

This study explores the different perceptions male homosexual youngsters have about the (im)possibility of revealing their sexual orientation to their fathers, and the implications that the (im)possible negotiation has in the making of their sexual identity. We have conducted 8 semi-structured, biographic interviews. The data was analyzed with the thematic analysis method according to the social constructionist paradigm.

Two analysis axis and themes were generated from those interviews. Firstly, the importance of external figures as mediators for the coming out was outlined. Secondly, it was described the importance of independence during the coming out, of the positive reaction by the father, of the proximity of family members before/during/after the coming out and, finally, the effect of rejection regarding the revelation in the construction of the subject's identity.

To conclude, some recommendations were made both for the practice in clinical psychology and for further investigations.

**Keywords:** father, young, coming out, sexualities, identities



## Introdução

Um dos temas mais investigados na literatura sobre gays e lésbicas desde os anos de 1970 é o da formação da identidade homossexual (Frazão & Rosário, 2008). Todavia, a homossexualidade carrega, ainda hoje, uma série de preconceitos, perpetuados muitas vezes pelas próprias investigações, pelo que continuar a aprofundar o conhecimento sobre esta realidade é fundamental (Savin-Williams, 2006, 2009).

O processo de *coming out*<sup>1</sup> é contemplado por um conjunto de modelos que procuram compreender o desenvolvimento psicológico das identidades sexuais não normativas. A evolução destes modelos relaciona-se com a integração das influências contextuais na construção destas identidades. Nessas influências é fulcral o papel da discriminação heteronormativa<sup>2</sup>, enquanto barreira ao desenvolvimento afirmado das identidades não heterossexuais (Carneiro, 2009). Assim, o *coming out* à família, por vezes, apesar de benéfico, em algumas situações, pode não ser possível ou acarretar sérios custos para o indivíduo (Pérez-Sancho, 2005). Nesta (não) negociação com a família, o pai é frequentemente referido como figura relacional que apresenta dificuldades mais marcadas de aceitação da orientação sexual dos/as filhos/as do que a mãe (Costa, Oliveira & Nogueira, 2010).

A presente dissertação nasce, portanto, da necessidade de explorar e descrever aprofundadamente as perceções de sujeitos auto-denominados como “homossexuais” sobre as (im)possibilidades de revelação da homossexualidade à figura paterna, bem como as implicações desta (não)negociação na construção da sua identidade sexual.

---

<sup>1</sup> O termo *coming out* apresenta-se como uma figura de expressão que, na prática, se refere ao assumir da orientação sexual. É a versão reduzida da expressão original “*coming out of the closet*”, que pode ser traduzida em português como “sair do armário”. Apesar da tradução portuguesa, decidimos, tal como acontece na maioria dos estudos, manter o termo anglo-saxónico, por ser mais universal. Sempre que falarmos de *coming out* referimo-nos a um processo de descoberta ou revelação da orientação sexual não-normativa

<sup>2</sup> Por heterossexismo entende-se a crença de que a heterossexualidade é “superior” e/ou mais “natural” que outras orientações sexuais (Morin, 1977). Por heteronormatividade entende-se as “instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que fazem com que a heterossexualidade pareça não apenas coerente – quer dizer, organizada como uma sexualidade –mas também privilegiada” (Berlant & Warner, 2000, *cit in* Roseneil, 2006, p. 36)

*Os diferentes posicionamentos na interpretação das sexualidades e a emergência da psicologia afirmativa*

Na investigação das sexualidades a literatura distingue duas modalidades de posicionamento face à conceptualização das sexualidades (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010): uma modalidade essencialista e uma modalidade construcionista social. Assim, influenciadas pelo modelo biomédico, as perspetivas essencialistas postulam a sexualidade como um atributo que os indivíduos têm e que devem reprimir, descobrir, negar ou assumir (Carneiro, 2009; Clarke, *et al.*, 2010); as perspetivas construcionistas sociais descrevem as sexualidades como resultado das relações e discursos que os sujeitos estabelecem num determinado contexto social, político e histórico (Nogueira, 2001a, 2001b; Oliveira, 2010).

Desde a década de 1970, e com auxílio do paradigma social construcionista, começa a tomar-se consciência de como as abordagens da psicologia ajuda(ra)m a manter a opressão das pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgénero) (Oliveira, 2010). Desta forma, a abordagem da psicologia afirmativa, desenvolvida sobretudo a partir da década de 1980, caracteriza-se por uma mudança do foco da psicologia, que passa de um olhar que descreve a diferença como patologia para uma análise dos efeitos psicológicos da discriminação social (Carneiro, 2009). Vários/as autores/as (e.g., Clarke, *et al.*, 2010; Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2006, 2009; Yarhouse, 1998) mostraram que as teorias essencialistas e/ ou de pendor biologizante possuem uma série de problemas conceptuais e metodológicos e perpetuam a discriminação da população LGBT<sup>3</sup>.

Atualmente, é defendido que não será importante procurar a(s) causa(s) da homossexualidade (e.g., Naphy, 2006, *cit in* Frazão & Rosário, 2008; Savin-Williams, 2006, 2009), devendo-se, em vez disso, enquadrar a homossexualidade na diversidade (sexual) humana e olhar-se para a variabilidade de significados subjetivos e coletivos que lhe são

---

<sup>3</sup> Savin-Williams (2006) expõe como os componentes utilizados em tais investigações, bem como a ausência de consenso das ciências da saúde, psicológicas e da saúde sobre a definição de homossexualidade, enviesavam os resultados nas pesquisas sobre orientação sexual. Devido a estas limitações, os estudos conduziram a resultados diferentes sobre a prevalência da homossexualidade, a associações biológicas enviesadas sobre as causas da homossexualidade, a generalizações abusivas entre homossexualidade e saúde mental e à criação da crença de escolha na homossexualidade, levando à procura de terapias conversivas ou reparativas empiricamente não validadas.

atribuídos e para o modo como o sujeito é ou não capaz de lidar com as adversidades culturais e sociais que recaem sobre as sexualidades ditas não-normativas<sup>4</sup>.

### *O processo de coming out – modelos de desenvolvimento psicológico*

O processo de *coming out* é de tal modo central no desenvolvimento das identidades sexuais não-normativas que a sua análise psicológica é frequentemente designada pela expressão de “modelos de *coming out*” (Carneiro, 2009; Savin-Williams, 2009). Todavia, nem sempre o *coming out* é possível, sendo o medo de reações negativas das pessoas a quem se revela o principal motivo para ocultar a identidade sexual não-normativa (Pérez-Sancho, 2005, Savin-Williams, 2001). A existência de um segredo sobre a identidade sexual do indivíduo pode levá-lo a experienciar situações de dissonância cognitiva que potenciam sentimentos de negação, de culpa, de vergonha e ilusão; um maior distanciamento e aumento da ansiedade nas relações familiares entre quem sabe e de quem se esconde; e face ao silêncio uma maior dificuldade das famílias em procurar saídas ou ajuda exterior (Pérez-Sancho, 2005). Contudo, tendo em conta as idades definidas por vários autores para o *coming out* – 19 a 21 anos (Garnets e Kimmel, 1993 *cit in* Pachankis & Goldfried, 2004) e cerca dos 16 anos (Herdt & Boxer, 1996 *cit in* Cianciotto & Cahill, 2003), muitas vezes são diferentes níveis de dependência da família, que levam estes adolescentes e jovens adultos a adiar ou não optar pelo *coming out* em benefício de uma “não revelação” (Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001).

Este processo de *coming out* tem sido definido de várias formas e deu origem a diferentes formulações teóricas e definições (e.g., Haneley-Hackenbruck, 1989; Monteflores e Schultz, 1978, *cit in* Frazão & Rosário, 2008; Plummer, 1996<sup>5</sup>). Entre essas definições encontra-se a de Markowe (1996, *cit in* Carneiro, 2009) que descreve o *coming out* como “um processo complexo e reformulante da consciência individual como gay ou lésbica que apela,

---

<sup>4</sup> Por sexualidades não-normativas entendam-se as expressões (política, emocional e social) de identidades sexuais que encontram desafios à integração socialmente não discriminatória.

<sup>5</sup> É de salientar a revisão feita por Plummer (1996) de vários autores que estudaram o processo de *coming out*, na qual, este autor identifica três grandes significados principais associados ao processo de *coming out*. Um primeiro sentido (a sensibilização) diz respeito ao autorreconhecimento que os sujeitos fazem da sua própria sexualidade não-normativa e uma primeira perceção da existência de uma comunidade homossexual. Uma segunda aceção (a significação) reporta para o processo de atribuição de significado pessoal às experiências homossexuais pelo sujeito e a negociação da revelação em redes que possam ser homossexuais. Por último, um terceiro significado (o “coming out”), usado pelos movimentos da Frente de Libertação Gay, remete para a revelação da homossexualidade no mundo heterossexual, para a ideia de “going public”, que tem um significado coletivo e político.

simultânea e complementarmente, à possibilidade de o sujeito se perceber e definir como homossexual e de revelar a outrem a sua homossexualidade” (p. 153).

Ao considerarmos as diferentes definições percebe-se que o *coming out* encerra uma componente pessoal, integrada numa dimensão social mais vasta. Assim, enquanto o *coming out*, ao implicar reformulações das relações sociais, pode resultar em processos mais relevantes e suportivos para o sujeito, pode ser ele também um dos mais fortes motivos de rejeição por parte das redes sociais de suporte, designadamente, a família e os amigos, bem como por outros contextos de vida, nomeadamente, no emprego ou na escola (Oliveira, Pereira, Costa & Nogueira, 2010; Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001).

Assim, ao longo do tempo, surgiram vários modelos psicológicos explicativos do *coming out* (e.g., Cass, 1979; Coleman, 1982; Sophie, 1985, *cit in* Carneiro, 2009). Estes, ainda que tenham por base pressupostos teóricos descritivos idênticos, apresentam algumas diferenças entre si. Essas diferenças advêm das diferentes realidades histórico-sócio-políticas em que os modelos se desenvolveram, nomeadamente, o estreito paralelismo com a história dos movimentos coletivos de afirmação da diferença sexual (Carneiro, 2009).

Apesar do esforço destes/as autores/as em proporcionar modelos mais integrativos, tais modelos têm sido alvo de críticas. Estas passam geralmente pela ideia de que estes modelos são demasiado rígidos, não dando uma visão da diversidade real dos percursos de gays e lésbicas (e.g., Frazão & Rosário, 2008; Savin-Williams, 2009).

Em primeiro lugar, os modelos centram-se principalmente no percurso de homossexuais masculinos, sabendo-se que o processo de formação da identidade homossexual nas mulheres é menos linear e mais fluido (Diamond (2000; Kitzinger & Wilkinson, 1995; Savin-Williams, 2009).

Em segundo lugar, a maioria dos modelos basearam-se na vivência de indivíduos brancos de classe média ou alta, esquecendo os percursos de pessoas pertencentes a minorias étnicas. Nestas comunidades a preservação dos valores familiares, religiosos e culturais é extremamente acentuada e a consolidação de uma identidade gay pode ser vista como uma traição desses valores fundamentais (e.g., Costa *et al.*, 2010; Rosario, Schrimshaw & Hunter, 2004, *cit in* Frazão & Rosário, 2008; Savin-Williams, 2009).

Em terceiro lugar, os modelos desenvolvimentistas clássicos foram concebidos num contexto histórico em que o *coming out* era visto como o desfecho inevitável do percurso de qualquer gay ou lésbica (Frazão & Rosário, 2008). Alguns estudos atuais (e.g., Savin-Williams, 2001; Savin-Williams, 2009) demonstram que os/as adolescentes recusam muitas

vezes a ideia de *coming out*, uma vez que consideram que este rotula e restringe a sua sexualidade.

Por último, existem diferenças em função dos meios – rurais ou urbanos – em que as pessoas desenvolvem a sua identidade homossexual. Assim, nos contextos rurais pode ser difícil manter o anonimato e o respeito pela conduta e/ou relacionamentos de sujeitos homossexuais. Da mesma forma, nestes meios há um menor possibilidade de acesso a associações de defesa dos direitos da comunidade LGBT (Carneiro, 2009; Savin-Williams, 2001).

De forma a colmatar estas lacunas, outros/as autores/as têm procurado construir modelos mais integrativos. Deste modo, Ritter e Tendrup (2002) propuseram um modelo síntese das grandes linhas dos modelos de *coming out* existentes até à atualidade. Foi este o modelo de desenvolvimento psicológico da identidade homossexual escolhido para esta dissertação. Assim, segundo estes autores, é possível identificar três grandes fases comuns aos vários modelos de *coming out*: Sensibilização; Tolerância; e Integração.

A fase de **Sensibilização** caracteriza-se por uma sensação de diferença e marginalização em relação aos pares do mesmo sexo (principalmente nos rapazes pré-adolescentes), muitas vezes devido à não identificação com os papéis de género socialmente estipulados. Esta situação é principalmente marcante na adolescência, levando a várias estratégias defensivas, nomeadamente a rejeição da própria orientação sexual e a adoção de posturas homofóbicas, pensar que se trata apenas de uma e apontando situações contextuais (e não a orientação sexual) como causas do comportamento homossexual (Ritter & Tendrup, 2002).

Na fase de **Tolerância**, os indivíduos podem não revelar a sua identidade, mas envolvem-se em processos de camuflagem da identidade homossexual, também conhecida como *passing* (fazer-se passar por não homossexual e/ ou por heterossexual). É comum a manutenção de uma identidade heterossexual perante a família e amigos, ao mesmo tempo que existe um contacto com a comunidade homossexual para preencher necessidades sexuais, emocionais e sociais. Quando este contacto é recompensador, começa a surgir uma vontade de reduzir a dissonância provocada por uma vida dupla. Em consequência, emerge o orgulho na identidade e uma maior procura de relações íntimas com pessoas do mesmo sexo. Muitas vezes, surge também uma sobreidentificação com a identidade homossexual e um desafio a indivíduos heterossexuais, nomeadamente com manifestações de afirmação da sua identidade, nomeadamente manifestações afetivas, comportamentais e discursivas (Ritter & Tendrup, 2002).

Finalmente, na fase de **Integração**, a identidade gay é integrada noutros aspetos da identidade, há a consciencialização de que é apenas uma das suas muitas características pessoais, uma parte de si (Ritter & Tendrup, 2002).

Apesar da controvérsia sobre os benefícios do processo de *coming out* para o indivíduo, é inegável que muitos sujeitos sentem que não conseguem manter a sua identidade (sexual) em segredo e que necessitam de a partilhar com as pessoas mais significativas (Carneiro, 2009). Além disto, a grande maioria dos estudos clínicos defende que o *coming out* cria um sentimento de liberdade e honestidade no indivíduo e nas relações interpessoais que ele estabelece, nomeadamente com a família de origem (e.g., Frazão & Rosário, 2008; LaSala, 2000; Pachankis & Goldfried, 2004).

### *A família no Revelar-se*

A revelação à família pode ser uma das mais difíceis resoluções do indivíduo, na medida em que a aceitação da homossexualidade do/a filho/a, por parte dos pais, implica uma reorganização na família, resultando muitas vezes numa crise familiar (Carneiro & Menezes, 2006; Frazão & Rosário, 2008; D'Augelli, 1991, *cit in* Savin-Williams, 2001).

As famílias tipicamente reagem mal no início, existindo muitas vezes reações de rejeição emocional, violência verbal ou física e mesmo expulsão de casa (Frazão & Rosário, 2008). Alguns estudos (e.g., D'Augelli, 1992; Remafeldi, 1983, *cit in* Frazão & Rosário, 2008) mostram que as taxas de rejeição dos pais perante a revelação da orientação sexual dos filhos variam entre os 20 e os 50%.

Estas reações assumem uma especial importância se estivermos a falar de um *coming out* na adolescência, em que o/a jovem pode ficar numa situação de grande desproteção e vulnerabilidade. Apesar de todos estes fatores, sabe-se também que algumas famílias, após a crise inicial, acabam por tornar-se mais aceitantes (Pachankis & Goldfried, 2004; Savin-Williams, 2001).

Alguns autores (e.g., Pachankis & Goldfried, 2004; Savin-Williams, 2001) sugerem que a reação das famílias à revelação da homossexualidade dos filhos pode ser equiparada ao modelo de estádios do luto de Kubler-Ross (1969, *cit in* Savin-Williams, 2001): negação; raiva; culpa; aceitação; e esperança.

Nas fases iniciais, é também muito comum que as famílias tentem encontrar uma razão para o/a filho/a ser gay ou lésbica, formulando explicações onde culpabilizam uma

pessoa ou acontecimentos da infância. Associado a estas ideias, surge nos pais um sentimento de vergonha que passa pelo receio de que a sociedade considere que a homossexualidade do/a seu filho/a seja fruto de uma parentalidade inadequada. São também frequentes sentimentos de perda em relação à idealização de um futuro heterossexual para o/a filho/a que passaria, por exemplo, pelo casamento e pela parentalidade (LaSala, 2000; Pérez-Sancho, 2005; Frazão & Rosário, 2008; Savin-Williams, 2001; Costa, *et al.*, 2010). Muitas vezes, existe um afastamento emocional entre os pais e filhos/as motivado pela dissonância que os pais sentem entre as mensagens homofóbicas que interiorizaram da sociedade e o seu amor pelos/as filhos/as (Saltzburg, 2004, *cit in* Frazão & Rosário, 2008).

As reações negativas dos pais baseiam-se também num conjunto de medos em relação aos filhos/as, nomeadamente que estes/as os excluam da sua vida quando vivenciarem o mundo gay, que sejam excluídos da congregação religiosa, que se envolvam em atividades promíscuas ou que contraiam o HIV (Cianciotto & Cahill, 2003; Saltzburg, 2004, *cit in* Frazão & Rosário, 2008; Costa, *et al.*, 2010).

#### *O papel do pai na construção da identidade gay*

A decisão do individuo sobre quando e com quem partilha a sua identidade sexual no interior da família apresenta-se como uma questão bastante complexa (Gluth & Kiselica, 1994; Gramling, Carr & McCain, 2000, *cit in* Frazão & Rosário, 2008). Sabe-se que a revelação da identidade sexual aos familiares tende a seguir um padrão: primeiro é revelada aos/às irmãos/ãs; mais tarde, às mães; e, por último, aos pais (Savin-Williams, 2001) A literatura justifica esta ordem, com a figura paterna em último, devido à crença dos filhos de que o pai venha a ser uma figura mais difícil e menos suportiva que os amigos, irmãos ou mãe (e.g., D'Augelli & Herhberger, 1993; Herdt & Boxer, 1993, *cit in* Savin-Williams, 2001). Apesar disto, não é totalmente exato que a reação do pai seja mais negativa que a da mãe: alguns estudos (e.g., Ben-Ari, 1995, *cit in* Savin-Williams, 2001) revelam que de facto os pais tendem a reagir inicialmente mais com negação e rejeição da orientação sexual do filho do que as mães, mas tendem a reagir menos com raiva e culpa do que as mães e com uma igual tendência a reagir com vergonha e afirmação de que conheciam previamente a orientação sexual do filho.

Em Portugal, a investigação vai de encontro à hipótese de uma reação pior ou mais dificultada da figura paterna. Assim, alguns estudos revelam relações de maior afinidade dos

participantes com a mãe do que com o pai, descrevendo-o “como uma figura castradora, conservadora, pouco flexível e/ou demasiado crítica” e com “uma menor abertura do que a mãe” (e.g., Costa, *et al.*, 2010; Oliveira, *et al.*, 2010). Numa amostra com 400 sujeitos homossexuais portugueses, apenas 32% (128 sujeitos) tinham revelado a orientação sexual ao pai, uma percentagem menor mesmo do que a encontrada para os colegas de trabalho (43%) (Carneiro, 2009). Neste sentido, é seguro afirmar que em certos casos a figura paterna pode exacerbar as dificuldades do filho na revelação e construção de uma identidade sexual diferente da heteronorma (Costa, *et al.*, 2010).

## **Estudo Empírico**

### **1. Enquadramento**

A investigação sobre a população LGBT portuguesa é numericamente inferior à do panorama internacional, sendo marcada por uma quase inexistência de estudos sobre a revelação da orientação homossexual dos filhos à figura paterna. O nosso estudo, de cariz exploratório e qualitativo, pretende ajudar a preencher esta lacuna na investigação nacional, onde apenas foi encontrado um estudo quantitativo análogo (Oliveira, 2012) à data da apresentação desta dissertação. A abordagem qualitativa pretende, assim, contribuir de forma inovadora para a investigação através da escuta de vozes sobre a (im)possibilidade de negociação da sexualidade não-normativa com o pai e dos processos de (re)construção da identidade sexual.

#### **1.1. Objetivos do Estudo**

Os objetivos de estudo são seguidamente apresentados na Tabela 1.

Tabela 1. *Objetivos do Estudo*

<b>Objetivos Gerais</b>	<b>Objetivos Específicos</b>
<b>1.</b> Obter uma breve descrição da forma como os processos de <i>coming out</i> são vivenciados pelos participantes do estudo	_____



<p><b>2.</b> Realizar uma análise comparativa das relações interpessoais amplamente consideradas (estabelecidas com a família, os/as amigos/as e/ou outras pessoas) em função de ter sido ou não feito o <i>coming out</i> das orientações sexuais por parte dos participantes do estudo</p>	<p><b>i)</b> analisar as razões para revelar ou não revelar a orientação sexual aos amigos e à família, em particular à figura paterna;</p> <p><b>ii)</b> analisar em que medida a antecipação das reações dos amigos e da família, em particular do pai, corresponderam às verificadas após a revelação (no caso de ter ocorrido);</p> <p><b>iii)</b> analisar a relação entre amigos/as e os participantes, a família e os participantes e especificamente o pai e o participante pós-<i>coming out</i>, explorando os fatores que poderão ter contribuído para a mudança/manutenção/evolução de cada relação.</p>
<p><b>3.</b> Analisar a influência da figura paterna no processo de <i>coming out</i> do filho</p>	<p><b>iv)</b> explorar as percepções dos participantes sobre a influência que o pai tem/teve na construção do seu self e/ou da sua identidade (sexual)</p>

## 1.2. Questões de Investigação<sup>6</sup>

Tendo em conta revisão da literatura apresentada ao longo da parte I e os objetivos apresentados, elaboraram-se as seguintes questões de investigação orientadoras desta dissertação:

**Questão de Investigação 1 (Qi1)** - Qual a percepção dos filhos homossexuais sobre a dinâmica relacional que estabelecem com os familiares, em particular com o pai?

**Questão de Investigação 2 (Qi2)** - Qual a percepção dos filhos homossexuais sobre o processo de (não) negociação da sua orientação sexual com os familiares?

---

<sup>6</sup> Apesar das questões de investigação serem formuladas deste modo, a análise dos dados não segue linearmente esta formulação, dando-se respostas a cada uma destas questões, com recurso a um enriquecimento semântico com base nos discursos dos sujeitos.

**Questão de Investigação 3 (Qi3)** - Qual a perceção dos filhos homossexuais sobre a rede de apoio extrafamiliar (amigos e rede ex-aequo<sup>7</sup>)?

**Questão de Investigação 4 (Qi4)** - Qual a perceção dos filhos homossexuais do papel da negociação/não negociação da sua orientação sexual com a família, em particular com o pai, na construção da sua identidade sexual?

## **2. Metodologia**

### **2.1. Instrumentos**

Os instrumentos usados foram dois guiões de entrevista semiestruturados: um guião para os sujeitos que fizeram e um guião para os sujeitos que não fizeram *coming out* à figura paterna. Cada entrevista está subdividida em 4 partes essenciais. A primeira parte remete para o consentimento informado. Na segunda parte, são recolhidos alguns dados que permitem uma caracterização biográfica dos sujeitos em diferentes dimensões de vida, a saber: a idade, uma caracterização básica das redes familiares (irmãos, idades dos irmãos, idades dos pais, ocupação profissional dos pais) e de outras redes de apoio dos sujeitos, a herança religiosa (i.e., indagação sobre a influência da religiosidade dos pais pode ou não ter sobre os participantes) e uma breve caracterização da sua experiência associativa. Numa terceira parte estão os itens do guião de entrevista correspondentes às questões de investigação.

Por fim, numa última parte da entrevista, foram incluídos dois itens (41 e 42 ou 38 e 39) que pretendem avaliar a perceção dos sujeitos sobre a experiência de entrevista. Em alguns casos, nestes dois itens conseguiu-se obter, a partir do discurso dos sujeitos, elementos que se prendiam com as questões de investigação, pelo que foram posteriormente usados na análise dessas mesmas questões. Aproveitamos desde já também para fazer notar que, com estas questões, foi possível perceber que, do ponto de vista metodológico e ético, houve um feedback positivo por parte dos participantes sobre a entrevista. Assim, de um modo geral, os participantes consideraram a entrevista uma boa experiência, bem estruturada e pertinente, que proporcionou um espaço confortável e não constrangedor de partilha.

---

<sup>7</sup> A rede ex-aequo é uma associação nacional de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgénero e simpatizantes entre os 16 e os 30 anos com o intuito de trabalhar em prol da juventude LGBT em Portugal. Possui uma série de grupos locais por todo o país. Para esta investigação, contactou-se o grupo local do Porto e de Lisboa no sentido do recrutamento de sujeitos para aplicar as entrevistas semi-estruturadas. Para mais informações pode-se consultar, *vd.* [www.rea.pt](http://www.rea.pt)

## 2.2. Procedimento

No processo de seleção, salienta-se o recurso à técnica de *snowball* (bola de neve), ou seja, através das sugestões de alguns dos entrevistados sobre possíveis candidatos de entrevista. A solicitação das entrevistas foi feita através do fórum da rede ex-aequo, e via correio eletrónico, pessoal ou profissional, cedido pelos participantes que acordaram participar no estudo na sequência do processo de *snowball*.

Assim, realizaram-se 8 entrevistas biográficas em profundidade (4 sujeitos que fizeram e 4 sujeitos que não fizeram *coming out* à figura paterna), orientadas pelos guiões anteriormente apresentados. As entrevistas foram realizadas presencialmente ou recorrendo ao *software skype* (somente em 3 entrevistas se utilizou este recurso devido à distância geográfica). As entrevistas presenciais decorreram em salas vazias da Universidade do Minho, de modo a obter um espaço silencioso, seguro em termos de preservação do anonimato dos participantes e sem interrupções e de forma a possibilitar a gravação em formato áudio. Quando realizadas via *skype*, as entrevistas foram gravadas através do *software* de gravação de áudio *messenger plus*. Em ambos os casos, foi pedido aos participantes autorização para efetuar a gravação, aquando da entrega do consentimento informado, respeitando a deontologia necessária à investigação.

## 2.3. Análise dos dados

Os dados recolhidos com as entrevistas foram analisados através do método de análise temática descrito por Braun e Clarke (2006). Estes autores definem a análise temática como um método qualitativo que permite a identificar, analisar e relatar padrões (temas), a partir dos próprios dados.

Ao não estar obrigatoriamente ligada a uma corrente teórica pré-existente, a análise temática pode ser usada de forma ampla e transversal (Braun & Clarke, 2006). Todavia, neste estudo adotamos um paradigma construcionista social, sendo este que guiará a nossa análise dos dados, examinando as formas pelas quais eventos, realidades, significados e experiências são efeitos de um tipo de discurso que opera na sociedade (Braun & Clarke, 2006).

Finalmente, seguindo as recomendações de Braun e Clarke (2006), a análise dos dados do nosso estudo seguiu os seis passos aconselhados para uma boa análise temática, a saber: i)

familiarização com os dados; ii) início da codificação; iii) procura de temas; iv) revisão dos temas; v) definição e nomeação dos temas; vi) produção do relatório.

## **2.4. Participantes**

### **2.4.1. Caracterização biográfica**

A amostra é constituída por 4 participantes que fizeram e 4 participantes que não fizeram *coming out* à figura paterna, com idades entre os 17 e os 22 anos. Destes participantes, à exceção de um sujeito questionante, todos se definiram como “homossexuais”.

A idade das mães varia entre os 38 e 47 anos e a dos pais varia entre os 41 e os 54 anos. Relativamente à classificação da região de residência, 4 sujeitos dizem viver numa região rural, 3 numa região urbana e 1 numa região urbano-rural.

### **2.4.2. Herança religiosa**

No que diz respeito à religião dos pais, a maior parte dos participantes descreveu os pais como católicos, exceto um participante que descreveu o pai como agnóstico e outro que descreveu o pai como ateu. De entre os participantes que descreveram os pais como católicos, dois descreveram os pais como católicos não praticantes, quatro descreveram-nos como católicos praticantes e um referiu somente a mãe como católica praticante.

Quanto à religião dos próprios participantes, três descreveram-se como ateus, três como agnósticos e dois como católicos, sendo que um se descreveu como católico praticante e outro como católico não praticante.

Todos os participantes apontaram a sua crença religiosa como uma decisão autónoma, ou seja, algo que definiram ao longo do seu desenvolvimento, independentemente dos pais.

### 2.4.3. Experiência associativa

Sobre o significado/importância da participação da rede ex-aequo para os entrevistados, somente um dos participantes que contactou com a rede referiu não ter obtido qualquer benefício desse contato. Os restantes entrevistados, que contactaram com a rede, descrevem-na como um primeiro meio de contato com outras pessoas com realidades semelhantes às suas, colhendo, assim, mais conhecimento e outras perspectivas sobre essa realidade comum. Salientam, porém, no seu caso, a diminuição da importância da rede ou a mudança do significado desta continuidade na rede na atualidade.

*“ [...] não conhecia outras pessoas LGBT com quem eu me pudesse identificar num meio tão pequeno. Então acabei por vir, acho que foi a duas reuniões da rede ex-aequo, e acho que o que eu queria na altura era perceber que existiam outras pessoas.” (Francisco)*

*“[...]Inicialmente era uma maneira de entrar em contato com pessoas em situações semelhantes à minha [...] senti necessidade de procurar um sítio onde pudesse estar em contato com pessoas que sentissem o mesmo que eu. [...] Agora, sinceramente utilizo mais o fórum como uma forma de me sentir atualizado sobre determinados assuntos [...]” (Ivo)*

Quanto à influência que a passagem pela rede ex-aequo podia ter tido na sua orientação sexual, todos os entrevistados que contactaram com a rede referiram não ter alterado as suas auto-definições de orientação sexual. Do mesmo modo, os participantes que não contactaram com nenhuma associação de defesa dos direitos LGBT referiram não esperar uma alteração da sua orientação sexual caso contactassem. Refletindo sobre isto, é de salientar que muitos dos sujeitos, em que há um ausente ou muito reduzido contato, vão manifestando que pelo seu percurso desenvolvimental não sabem o que com esse contato poderiam obter, pelo que não é previsível uma mudança da sua definição de orientação sexual. Remetendo para o modelo de Ritter e Tendrup (2002), os participantes parecem enquadrar-se pelo menos na fase de **Tolerância**, em que começa a surgir a vontade de diminuir a dissonância de uma vida dupla, o orgulho na identidade gay e uma sobreidentificação das identidades homossexuais (implícito na forma como se prendem à sua autodefinição).

Do mesmo modo, parecem estar a caminhar para uma fase de **Integração** o que é patente nestes primeiros envolvimentos associativos, nesta fase identitária, de consolidação da identidade, de combaterem a solidão, procurando estar com os outros.

### 3. Resultados e Discussão

Para a análise temática das entrevistas, os dados discursivos foram organizados em dois eixos de análise (um bloco de análise e temas indutivos e um bloco de análise e temas dedutivos), que integram os diferentes (sub-)temas. Cada eixo será apresentado seguidamente, acompanhado de excertos elucidativos dos vários (sub-)temas e os resultados serão discutidos ao longo da sua apresentação. Os resultados serão discutidos ao longo da sua apresentação.

#### 3.1. *Temas indutivamente emergentes*

##### 3.1.1. *Recorrer ao psicólogo*

Muitos participantes referem o psicólogo como figura à qual os pais indicam/recorrem frequentemente para auxiliar os filhos, como forma de gerir/compreender a situação.

*“[...] os meus pais, inicialmente, queriam levar-me a um psicólogo. É sempre aquela coisa, os pais acham sempre que o problema é do filho [...]” (Ivo)*

Isto constitui um tema específico como o recurso ao psicólogo para os pais, o que tem uma forte ligação com o tema seguinte sobre as outras pessoas, que não são os pais, como mediadoras.

##### 3.1.2. *Outras pessoas como mediadoras do processo de coming out*

Um outro aspeto merecedor de atenção diz respeito às outras pessoas que os entrevistados consideram como família e que descrevem como sendo determinantes no processo de aceitação ou possível aceitação da orientação sexual do filho pelo pai.

*“[há] uma pessoa que sempre me apoiou, que é a namorada do meu pai. Deve ser muito difícil aos filhos de pais divorciados encontrarem nos parceiros dos pais pessoas com quem se deem tão bem como aconteceu no meu caso. [...] Como tinha dito, nós já nos conhecíamos e temos uma relação muito boa. Eu acho que essa relação muito boa com um adulto e com uma pessoa preocupada e que*

*pensa sobre as questões, como é a namorada do meu pai, foi muito importante para mim ter uma pessoa assim ao meu lado. [...]” (Ivo)*

Deste modo, nos presentes resultados é saliente a necessidade/vontade de recurso à psicologia na gestão do *coming out* familiar, de forma semelhante ao que referem vários autores (e.g., Frazão & Rosário, 2008; LaSala, 2000). Neste sentido, é também importante ter em atenção as figuras externas que os sujeitos consideram como família e sua proximidade com as figuras parentais, como forma de possibilitar uma mediação e obtenção de respostas positivas neste processo de negociação da orientação sexual com a família.

### 3.2. *Temas Dedutivamente Emergentes*

#### 3.2.1. *A rede de apoio extrafamiliar e o coming out à família*

##### 3.2.1.1. *“O nosso pequeno segredo” – não revelação aos outros*

Todos os participantes que fizeram *coming out* à figura paterna referem a sugestão incutida, por ambos ou um dos pais, de não revelarem a sua orientação sexual aos irmãos e/ou, em alguns casos, a outras pessoas na família ou fora do núcleo familiar. Alguns participantes dizem compreender esta necessidade face a algumas figuras significativas, no entanto, a maioria discorda no que concerne aos irmãos ou ao pai/mãe.

*“[...a minha mãe disse-me] Para eu ficar caladinho. Tanto que eles pediram para eu não dizer nada ao meu irmão e à minha irmã. Uma decisão inicial que eu quero alterar brevemente. Não faz sentido nenhum. [...] Para ela é um bocado tabu, é o nosso pequeno segredo. Tenho pena disso.” (Francisco)*

*“[...ao meu irmão] Os meus pais não queriam que lhe contasse. Tanto eu como a namorada do meu pai achávamos que seria bom para ele [...] e, embora a nossa relação seja um bocado difícil às vezes, nós gostamos muito um do outro. As nossas diferenças não nos fazem gostar menos um do outro [...]” (Ivo)*

Esta situação é consonante com o que é apontado por vários autores (e.g., Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001) sobre a ocultação da identidade sexual não-normativa no seio familiar. Deteta-se assim, a importância da avaliação e intervenção, durante a prática

clínica, nas possíveis situações de dissonância experienciadas pelos indivíduos que fazem *coming out*.

### 3.2.1.2. *Momento certo para contar – independência/autonomia*

A maioria dos entrevistados que não fez *coming out* à figura paterna refere a intenção de o fazer, mas somente quando obtiverem autonomia e independência financeira. Este adiamento da negociação da orientação sexual devido a diferentes níveis de dependência da família vai de encontro ao que foi apresentado por vários autores (e.g., Pérez-Sancho, 2005; Savin-Williams, 2001). Tal como é referido por este participante:

*“[...] Eu penso um dia contar-lhes sim. Mas quando tiver a minha licenciatura feita. Quando tiver trabalho, tiver a minha autonomia completa. Aí, seja qual for a reação deles, já não me influencia em nada.” (Camões)*

### 3.2.1.3. *O papel dos/as amigos/as*

A decisão de contar primeiro aos amigos advém da expectativa de uma melhor reação e fornecimento de suporte a quem revela, como vimos na revisão teórica (e.g., Savin-Williams, 2001, 2009). De fato, muitos participantes referem esta expectativa e esta perceção de apoio por parte dos/as amigos/as, traduzindo-se posteriormente numa maior confiança e resiliência nas subsequentes negociações da orientação sexual com outros significativos, nomeadamente com os familiares.

*“[...] todo o processo de ir contando às pessoas e o facto de irem dizendo que não havia problema acaba por nos mostrar que não há problema, tornando-nos mais confiantes.” (Rodrigo)*

Todavia, se por um lado a revelação aos/as amigos/as pode aumentar a capacidade de superar as dificuldades, por outro, quando as reações se mostram piores do que o esperado, pode inibir os processos subsequentes de revelação, como referem alguns participantes.

*“[...] Porque eu na altura queria dizer a todas as pessoas que me eram próximas, a todos os meus amigos. Eu acho que o facto da minha mãe ter dito aquilo e a minha amiga, que não é da geração da minha mãe, que não é católica e que é uma pessoa próxima de mim, não me ter dado o apoio que eu*



*esperava na altura, isso retraiu-me completamente para que eu não partilhasse isso com mais nenhum amigo [...]” (Francisco)*

### 3.2.2. *As dinâmicas familiares e o coming out com a família*

#### 3.2.2.1. *Pai como figura “surpreendente”*

De acordo, com a revisão teórica, inclusive a investigação portuguesa (e.g., Costa, *et al.*, 2010; Oliveira, *et al.*, 2010), esperava-se uma reação paterna mais adversa do que materna no processo de *coming out* dos participantes. Todavia, no momento do *coming out*, o pai revelou uma reação mais positiva e suportiva do que a mãe na maioria dos participantes.

*“Os meus pais reagiram de forma diferente. Primeiro eu contei à minha mãe [...] foi completamente apanhada de surpresa e depois disso começou a chorar. Foi uma conversa um bocado complicada. Demoramos muito tempo a falar e durante toda a conversa ela perguntou-me «se eu tinha a certeza» e que «eu poderia mudar, para não me convencer já», ou seja, «para eu não me convencer já de nada», «para manter a mente aberta». Isto enquanto chorava. [...] Mas a minha mãe reagiu mal nos primeiros dias, vinha ter comigo a chorar para conversar. Não sei. Talvez a tentar mudar-me, levar-me a mudar de ideias. [...] Quando contei ao meu pai, [...] a reação dele foi boa [...] compreendeu totalmente, aceitou. [...] Assim como a minha mãe, o principal choque dele foi o facto de não estar à espera. Mas disse-me que me apoiaria em tudo o que precisasse, que isso não mudava nada na nossa relação. [...]” (Ivo)*

Isto ia contra as expectativas dos próprios entrevistados que fizeram *coming out* ao pai, sendo este um ponto comum entre o grupo de entrevistados que fez *coming out* à figura paterna e o grupo que não fez *coming out*.

#### 3.2.2.2. *Relação após coming out – proximidade ou distanciamento*

A maioria dos participantes manteve/espera manter a relação de maior ou menor proximidade que tem com o pai e com a mãe. Realça-se também o facto de que os participantes que não fizeram *coming out*, independentemente de serem mais próximos ou

afastados do pai atualmente, esperarem um maior distanciamento após o *coming out*. Por seu lado, quem fez *coming out*, apenas relata um maior distanciamento nas situações em que anteriormente já existia uma relação distanciada do pai, pois nas situações em que o *coming out* é descrito como uma negociação positiva, descrevem a relação como saindo fortalecida e com uma maior proximidade da figura paterna.

Deste modo, através dos dados vemos que não só o modo como o *coming out* aos pais decorre é importante nas relações estabelecidas após este, como também a qualidade da relação e dos afetos existentes antes influencia em muito o tipo de relação estabelecida depois com filho. Neste sentido, mostra-se indispensável na terapia familiar tal como refere LaSala (2000), mas também em consulta individual, avaliar o estilo relacional (comunicação, resolução de conflitos, coesão familiar) destas famílias, pois é este que definirá o processo de negociação e a relação estabelecida após o *coming out*.

### 3.2.3. *A rejeição na construção da identidade*

Relativamente ao impacto da (im)possibilidade de negociação da orientação sexual com os pais no processo de construção identitário, destaca-se o significado que um certo número de participantes atribui às dificuldades neste processo de *coming out*, nomeadamente a perceção de rejeição por parte mãe. Isto vai de encontro ao mencionado por Oliveira (2012), sobre a influencia negativa da rejeição materna, uma vez que os filhos/as geralmente preparam-se melhor para uma rejeição paterna do que materna.

No nosso estudo, nota-se também as atitudes compensatórias por parte dos filhos que percecionaram dificuldades de negociação da orientação sexual com a família, especialmente com a mãe. Assim, ao não obterem o apoio esperado e que precisam pela família, referem uma compensação deste pelo envolvimento em atividades em eles mesmos forneçam suporte a outros em situações semelhantes à sua.

*“[...] Acho que as pessoas esperam um bocadinho amor incondicional dos pais e eu não sinto isso por parte da minha mãe... Eu sinto que a minha mãe tem vergonha de mim por causa disso [...] Há inúmeras pessoas que ao se assumirem não sentem o amor da família, não sentem a estima dos outros, não sentem o respeito pela sociedade e nessa situação há duas opções: ou a pessoa pira de vez e entra em depressão... ou acaba por ser ela mesma a fornecer o amor e a estima que não encontra nos outros. O amor que a família não lhe dá ela cria com amor-próprio e a estima que os amigos não*

*lhe dão ela cria com auto estima e o respeito que às vezes a sociedade não lhe dá ela cria com auto respeito [...]” (Francisco)*

## **Conclusões**

Se por um lado este estudo tem limitações, existem também conclusões importantes a retirar, bem como implicações para investigações futuras e para a prática clínica.

No que concerne às limitações deste estudo, destacam-se as dificuldades no acesso aos participantes, em particular aos entrevistados do grupo que não fez *coming out* à figura paterna. Estas dificuldades relacionam-se com os obstáculos que frequentemente se encontram ao realizar investigações na área da sexualidade e, ainda mais, na orientação sexual. Deste modo, torna-se clara a centralização do grupo de participantes que não fez *coming out* na região norte de Portugal, reduzindo, assim, os dados encontrados.

Uma outra limitação diz respeito à pouca exploração dada no nosso estudo ao envolvimento associativo dos participantes. Assim, muitos entrevistados revelaram ter só algum tempo de participação associativa ou não a terem de todo, pelo que seria importante perceber melhor que diferenças atribuem aos tempos de envolvimento para compreender a influência que essas diferenças poderiam ter na sua identidade sexual. Isto poderia ser colmatado em investigações futuras com um maior aprofundamento do significado atribuído às atividades e a este tempo de envolvimento associativo no prolongamento do estudo de Carneiro (2009).

As principais conclusões já foram analisadas ao longo da apresentação dos resultados, mas serão agora recuperadas de forma resumida. De um modo geral, os dados da literatura foram corroborados no que concerne às dificuldades no processo de *coming out* associadas a uma discriminação em benefício da heteronormatividade. Todavia, destacam-se as reações positivas de diferentes figuras paternas aquando do *coming out*, contrárias ao que era esperado. Salienta-se, assim, a importância das figuras externas, que os participantes consideram família e que desempenham um papel de mediadores neste processo de negociação da orientação sexual com o pai.

Relativamente às implicações para a prática clínica dos resultados do nosso estudo, estas foram sugeridas ao longo da discussão dos resultados. Por esta razão, apenas se revêm aqui as mais salientes. Do mesmo modo, como vimos na revisão da literatura (e.g., Frazão & Rosário, 2008; Savin-Williams, 2001) o desenvolvimento psicológico do sujeito que faz *coming out* decorre lado a lado com o desenvolvimento psicológico das pessoas que lhe são

significativas. Assim, destaca-se a importância das várias pessoas externas que, pela significância ou proximidade do sujeito que faz *coming out* ou dos seus familiares, possam servir de mediadoras neste processo de revelação e aceitação, tanto do sujeito como dos seus familiares. Por esta razão, torna-se importante a integração destes agentes mediadores na consulta individual e/ou em terapia familiar (e.g., LaSala 2000; Yarhouse, 1998). Neste contexto psicoterapêutico, é também importante dar atenção a possíveis situações de dissonância que vimos estar presente nos dados relativos ao tema -“pequeno segredo”. Finalmente, sublinha-se também a necessidade da mudança do foco psicoterapêutico somente no processo de *coming out* para uma observação da qualidade das relações familiares anteriores ao *coming out*, uma vez que é a qualidade destes afetos que determina este mesmo *coming out*.

Relativamente a algumas implicações para a investigação futura, seria também importante avaliar, por comparação, este processo de negociação da orientação sexual na população lésbica, uma vez que a literatura identifica diferenças de género na construção da identidade sexual. Do mesmo modo, não existe qualquer investigação em Portugal sobre esta negociação da orientação sexual com os pais somente no caso da população bissexual, o que representa uma lacuna necessitada de superação urgente.

## Bibliografia

- Carneiro, N. (2009). *“Homossexualidades”- uma psicologia entre ser, pertencer e participar.* (Coleção Livpsic – Psicologia). Porto: Legis Editora/Livpsic.
- Carneiro, N. & Menezes, I. (2006). La construcción de l'identité des jeunes homosexuels au Portugal. *L'orientation scolaire et professionnelle*, 35 (2), p.1-21
- Cass, V. C. (1979). Homosexual identity formation: a theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4, p.219-235.
- Cianciotto, J., & Cahill, S. (2003). *Issues affecting lesbian, gay, bisexual and transgender youth.* New York: National Gay and Lesbian Task Force Policy Institute
- Clarke, V., Ellis, S., Peel, E. & Riggs, D. (2010). *Lesbian, gay, bisexual, trans and queer psychology: an introduction.* Cambridge: Cambridge University Press.
- Costa, C. G., Oliveira, J. M., Nogueira, C. (2010). Os discursos das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, (p. 211-241). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género
- Costa, C. G., Pereira, M., Oliveira, J. M., Nogueira, C. (2010). Imagens sociais das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, (p. 93-147). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género
- Diamond, L. (2000). Sexual identity, attractions, and behavior among young sexual-minority women over a 2-year period. *Developmental Psychology*, 36 (2), p.241-250.
- Frazão, P. & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1 (26), p.25-45
- Kitzinger, C., & Wilkinson, S. (1995). Transitions from heterosexuality to lesbianism: the discursive production of lesbian identities. *Developmental Psychology*, 31(1), p.95-104
- LaSala, M. C. (2000). Lesbian, gay men, and their parents: family therapy for the coming out crisis. *Family Process*, 39, p.67-81.
- Morin, S. (1977). Heterosexual bias in psychological research on lesbianism and male homosexuality. *American Psychologist* (August), p.629-637.
- Nogueira, C. (2001a). Construcionismo social, discurso e género. *Psicologia*, 15 (1), p.43-65
- Nogueira, C. (2001b). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do género. *Cadernos de Pesquisa*, 112, p.137-153.
- Oliveira, J. M. (2010). Orientação sexual e identidade de género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, (p. 19-44). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género
- Oliveira, J. M., Pereira, M., Costa, C. G., Nogueira, C. (2010). Pessoas LGBT – identidades e discriminação. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*, (p. 149-210). Porto: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género
- Pachankis, J. P., & Goldfried, M. R. (2004). Clinical issues in working with lesbian, gay, and bisexual clients. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training*, 41 (3), p.227-246.
- Pérez-Sancho, B. (2005). *Homosexualidad: secreto de família: El manejo del secreto en familias con algún miembro homosexual.* Madrid: Egales.
- Roseneil, S. (2006). Viver e amar para lá da heteronorma: uma análise queer das relações pessoais no século XXI. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, p.33-51.

Stein, A. & Plummer, K. (1996). "I can't even think straight": "queer" theory and the missing sexual revolution in sociology. In S. Seidman (Ed.), *Queer theory/sociology*, (p. 129-144). Oxford: Blackwell Publishers

Savin-Williams, R. C. (2001). *"Mom, dad, I'm gay.": How families negotiate coming out*. Washington, DC: American Psychological Association

Savin-Williams, R. C. (2006). Who's gay? Does it matter?. *Current Directions in Psychological Science*, 15 (1), p.40-44

Savin-Williams, R. C. (2009). *La nueva adolescencia homosexual*. Madrid: Ediciones Morata, S.L. y Fundación Paideia Galiza.

Yarhouse, M. A. (1998). When families present with concerns about an adolescent's experience of same-sex attraction. *The American Journal of Family Therapy*, 26, p.321-330.